

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT -
TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Rose Maria Xavier Alves

O ENGAJAMENTO DAS FAMÍLIAS NA CONSTRUÇÃO DO SER:
Uma experiência prática no acompanhamento de crianças atendidas no CEPH

BELO HORIZONTE

2020

Rose Maria Xavier Alves

O ENGAJAMENTO DAS FAMÍLIAS NA CONSTRUÇÃO DO SER:

Uma experiência prática no acompanhamento de crianças atendidas no CEPH

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, com o requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof. Esp. Telma Fulgêncio Colares da Cunha Melo.

BELO HORIZONTE

2020

150 A474e 2020	<p>Alves, Rose Maria Xavier.</p> <p>O engajamento das famílias na construção do ser [recurso eletrônico] : uma experiência prática no acompanhamento de crianças atendidas no CEPH. / Rose Maria Xavier Alves. - 2020.</p> <p>1 recurso online (29 f.) : pdf</p> <p>Orientadora: Telma Fulgêncio Colares da Cunha Melo.</p> <p>Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1.Educação de crianças. 2.Psicologia existencial. 3.Família. I. Melo, Telma Fulgêncio Colares da Cunha . II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
----------------------	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Folha de Aprovação
O ENGAJAMENTO DAS FAMÍLIAS NA CONSTRUÇÃO DO SER:
UMA EXPERIÊNCIA PRÁTICA NO ACOMPANHAMENTO DE CRIANÇAS ATENDIDAS NO CEPH.

ROSE MARIA XAVIER ALVES

monografia defendida e aprovada, no dia **vinte e oito de outubro de 2020**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Telma Fulgêncio Colares da Cunha Melo - Orientadora
FAFICH/UFMG

Saleth Salles Horta
FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 20 de janeiro de 2022.

Prof^ª. Dr^ª. Claudia Lins Cardoso
Coordenadora do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Gonçalves Ribeiro, Chefe de seção**, em 27/05/2022, às 09:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Lins Cardoso, Professora do Magistério Superior**, em 27/05/2022, às 13:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1487184** e o código CRC **B8B1D70B**.

*Dedico este trabalho às minhas filhas e ao meu
esposo cujas presenças sempre afetaram
positivamente a minha vida em todos os
aspectos.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus por ser a base das minhas conquistas. Aos meus familiares e amigos por acreditarem em minhas escolhas, apoiando-me para que eu suprisse cada uma delas. De modo especial, à minha filha Paula Xavier, que me apoiou e me incentivou nos momentos de dificuldade. Aos meus professores, José Paulo Giovanetti, Saleth Horta e Telma Melo que me despertam a busca constante pelo conhecimento.

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma análise da experiência da autora no atendimento às crianças que apresentam dificuldades escolares na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental. A intenção é refletir e problematizar a importância do engajamento da família no processo terapêutico com o fator facilitador dos êxitos da criança, bem como o encurtamento do processo de acompanhamento, uma vez que a demanda do município por crianças atendidas é grande. Esse trabalho acontece no CEPH (Centro Educacional de Promoção Humana), setor vinculado à Secretaria de Educação da cidade de Carandaí no estado de Minas Gerais. A fundamentação teórica do trabalho será uma abordagem fenomenológico-existencial, que caracteriza o ser humano como um ser relacional e responsável por cuidar do seu próprio existir. Desde o nascimento, o ser necessita da presença de outro para receber cuidados, desenvolver-se e se tornar pessoa. É no convívio com os semelhantes que se descobre quem e como se é no mundo. Os seres humanos são interativos, experienciais e constroem-se como pessoa, diariamente, através das relações que se dão no contato direto e genuíno com os outros no mundo. Nessa perspectiva, o trabalho propõe uma reflexão a partir de conhecimentos teóricos e o exercício da prática clínica. A união entre família e psicólogos tende a beneficiar significativamente o processo terapêutico infantil, pois a família é o primeiro contexto em que a criança faz parte; os membros da família se relacionam mutuamente e, conseqüentemente, influenciam-se, afetam e são afetados. A psicologia existencial fenomenológica acredita no homem como um ser relacional no qual as relações humanas são o alicerce para a saúde e crescimento do indivíduo. Com base nisso, percebe-se como é importante e fundamental a participação das famílias para o progresso no acompanhamento escolar e no atendimento prestado pela CEPH.

Palavras-chave: Psicologia Infantil. Interação familiar. Experiência Clínica.

ABSTRACT

The present work is an analysis of an author's experience in attending children with school difficulties, in early childhood education, and in the first years of elementary school. The aim is to reflect and discuss the importance of family engagement in the therapeutic process as a facilitating factor of the child's successes. As well as the shortening of the monitoring process; since the municipality's demand for children helped is great. This work takes place at CEPH "Educational Center for Human Promotion", sector linked to the Department of Education at Carandaí town, in Minas Gerais State. The work theoretical fundamentation will be a phenomenological-existential approach, which characterizes the human beings, as a being that needs the presence of another to receive care, to develop, and to become a person. Human beings are interactive, experiences, and built themselves as people on a daily basis; through relationships that occur in direct and genuine contact with others in the world. According to this perspective, the work proposes a reflection from theoretical knowledge, and the exercise of clinical practice. The union between family and psychologist tends to significantly benefit the child's family therapeutic process. Because the family is the first context, in which the child is part of it. Family members relate to each other, and consequently influence themselves, they affect, and they are affected. Phenomenological existential psychology believes in man as a relational being, in which humans relations are the basis for the individual's health and growth. Basis on this, it's clear how is important and fundamental families participation in school attendance progress, and in care provided by CEPH.

Keywords: Childhood Psychology. Family Interaction. Clinical Experience

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O QUE É O CENTRO EDUCACIONAL DE PROMOÇÃO HUMANA - CEPH	11
3 A CONSTRUÇÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DO SER	17
3.1 A CONCEPÇÃO DE HOMEM NA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL	17
3.2 A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DO SER	18
4 A CRIANÇA E A FAMÍLIA SOB A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

Na perspectiva fenomenológico-existencial, o homem é concebido como um ser em ação, em movimento, de construção contínua; é considerado, portanto, um ser que está sendo. Ele é um projeto de si próprio porque está sempre se recriando e é por conta desse ininterrupto movimento de transformação, de autoedificação a cada dia que se pode afirmar que o homem é uma existência. Ele é aquilo que projeta ser, que decide ser.

A esse respeito, Critelli (1996) ressalta que “o homem intervém no seu vir a ser e isto, o distingue, por exemplo, de elementos da natureza que não são humanos e não têm probabilidade de vir a ser, pois não agem sobre o seu fazer” (p. 47), ou seja, o que diferencia o humano é algo que o particulariza e isso é o que o faz ter características únicas, completamente diferentes dos demais seres. O homem existe, e existir significa ser aberto, estar para fora, ser sensível a tudo o que não é ele mesmo.

Dessa forma, diferente de tudo o que não é humano, o homem não está determinado em um modo preestabelecido de existir. A essência do ser humano é a possibilidade de ser. Essa característica ontológica do ser humano se deve a sua capacidade de situar-se diante de sua existência, o que o torna um ser responsável. Tendo em vista essa particularidade, Heidegger (2012), precursor do Existencialismo, assinala que o ser humano é o único ente que tem a capacidade de cuidar de ser e com isso interferir no seu processo de vir-a-ser. Em concordância com esse pensamento, Critelli (1996) alega:

“Ao dar-se conta do ser (como o possível em aberto e litigiosamente à sua frente), o homem percebe que tem que dar conta de ser, que ser está sob sua responsabilidade. Percebendo o ser, o homem toma o ser para si como algo de quem tem que cuidar. Põe o ser sob seus cuidados. Isso faz parte da ontologia humana” (p. 48).

Desta forma, para que o homem possa intervir no seu processo existencial, é necessário que ele se reconheça. Esse reconhecimento ocorre a partir dele próprio, com as possibilidades de agir, enquanto se coloca no mundo em uma relação. Assim, Heidegger (2012) afirma que o ser humano é ser-no-mundo-com-os-outros, ou seja, ele é ontologicamente relacional.

Com base neste pressuposto, Forghieri (2004) expõe que “a relação do homem com outros seres humanos é fundamental em sua existência; desde o nascimento ele encontra-se em situações que incluem a presença de alguém” (p. 31). Dessa forma, a capacidade do ser

humano de se relacionar com seus pares começa no ventre da mãe e, em seguida, no ambiente familiar. Sobre a importância da família, Pratta (2007) afirma que:

“A função biológica principal da família é garantir a sobrevivência da espécie humana, fornecendo os cuidados necessários para que o bebê humano possa se desenvolver adequadamente. Em relação às funções psicológicas, podem-se citar três grupos centrais: a) proporcionar afeto ao recém-nascido, aspecto fundamental para garantir a sobrevivência emocional do indivíduo; b) servir de suporte e continência para as ansiedades existenciais dos seres humanos durante o seu desenvolvimento, auxiliando-os na superação das "crises vitais" pelas quais todos os seres humanos passam no decorrer do seu ciclo vital (um exemplo de crise que pode ser mencionado aqui é a adolescência); c) criar um ambiente adequado que permita a aprendizagem empírica que sustenta o processo de desenvolvimento cognitivo dos seres humanos” (p.250).

Percebe-se que, neste cuidado com a criança, os pais/e ou responsáveis respondem pela vida da criança. Ter alguém sob sua responsabilidade só é possível para aqueles que têm um conhecimento mais extenso do viver e do mundo. Os primeiros cuidados pessoais com a criança se dão no ambiente familiar; em seguida, adentra o âmbito escolar ampliando o convívio com os outros, o que possibilita-lhe novas descobertas que podem aumentar o conhecimento de si mesma. Dessa forma, a vida colegial é ensejo de expansão de convivência, descobrimentos de habilidades e crescimento pessoal. Cytrynowicz (2018) relata que:

“Como a existência Humana na infância é, especialmente marcada pelas descobertas constantes da criança diante das frequentes novidades, de si mesma e do mundo em volta, a presença familiar dos adultos mais próximos protege e encoraja, tornando o mundo mais seguro” (p.127).

Nesse sentido entende-se que a criança ainda não descobriu e provou em maior intensidade as suas possibilidades existenciais fundamentais para fazer as próprias escolhas. Necessita, logo, do cuidado de quem possa melhor norteá-la até que, paulatinamente, obtenha uma condição de maior autonomia.

Nos dias modernos, as crianças são consideradas frágeis e inacabadas esperando que cresçam para serem respeitadas como indivíduos. Sobre isso, Melo (2015) discorre:

“Os pais, as escolas e a sociedade estão sempre cuidando delas com um olhar de incapacidade, de impotência e de inocência. Educam as crianças para o futuro, pois acreditam que sua eficiência como humano só se fará presente na vida adulta após serem educadas. Fica quase sempre implícita, no olhar do adulto, uma descrença na sua capacidade de suportar a vida. É como se elas precisassem virar adultos, para começarem a ser responsabilizadas pela sua existência” (p.58).

Entende-se que a criança é considerada como o alguma coisa que precisa deixar de ser para virar o que ainda não é, por isso é negligenciada na sua particularidade. Cytrynowicz (2018) esclarece que “a criança é sempre inteira, vive o seu tempo em sua totalidade e já se mostra na completude de sua existência (p. 101)”. Portanto devemos lançar um olhar para ela buscando seu modo específico de existir, ou seja, sendo-no-mundo-em-sua-totalidade.

Este trabalho tem por finalidade refletir sobre a importância das relações familiares no desenvolvimento saudável do ser humano e, especificamente, o quanto a adesão da família à proposta de trabalho do Centro Educacional de Promoção Humana - CEPH contribuiu para o sucesso do acompanhamento psicológico de suas crianças.

O presente trabalho será composto por três capítulos. No primeiro, será feita uma descrição do CEPH desde a sua criação até os dias atuais. Serão expostas suas atividades, que se destacam de modo efetivo no atendimento às crianças com dificuldade de aprendizagem; serão relatadas os obstáculos enfrentados pela equipe de psicólogos no que concerne ao envolvimento e responsabilidade das famílias.

O segundo capítulo versará sobre a condição humana original, conforme a visão existencial fenomenológica, que compreende o homem como um ser indeterminado, responsável pelo seu processo de vida, o qual é construído no mundo a partir das relações com os outros seres.

No terceiro capítulo será realizada uma reflexão sobre a necessidade de harmonização do psicoterapeuta com a família para o êxito do trabalho uma vez que a aproximação da família com o terapeuta facilita a adesão dos responsáveis ao tratamento, contribuiu para a compreensão do contexto em que a criança vive e, conseqüentemente, a compreensão do seu modo de estar no mundo.

A psicologia existencial fenomenológica acredita no homem como um ser relacional e nas relações humanas como alicerce para a saúde e crescimento do indivíduo. Com base nisso, percebe-se como é importante e fundamental a participação das famílias para o progresso no atendimento prestado pelo Centro Educacional de Promoção Humana - CEPH. Sendo assim, a relação família-CEPH se desenvolve em prol de um bom atendimento, contribuindo positivamente para o desenvolvimento integral da criança.

2 O QUE É O CENTRO EDUCACIONAL DE PROMOÇÃO HUMANA – CEPH

O Centro de Promoção Humana (CEPH) foi fundado em 2004; trata-se de um setor do Departamento de Educação da Prefeitura Municipal de Carandaí – MG, localizado à Rua Raul Soares, 124, Centro. A estrutura física compõe-se de um casarão antigo de dez cômodos, com salas individuais que foram adaptadas e são usadas como consultórios, equipados de acordo com a necessidade da especialidade que nela funciona, para atendimento personalizado. Há também uma sala com computador, recepção, copa, cozinha e banheiros. A equipe do CEPH é composta por uma recepcionista, uma auxiliar de serviços gerais, três psicólogas e três fonoaudiólogas.

O objetivo do CEPH é dar assistência às crianças com dificuldades de aprendizado. Elas são admitidas através de um encaminhamento das escolas para o Departamento de Educação e são direcionadas para o CEPH. Outra via de encaminhamento ocorre através dos dispositivos da rede assistencial do município, como Unidades Básicas de Saúde (UBS), Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) e Conselho Tutelar. No CEPH é realizado um cadastro e, posteriormente, a equipe técnica realiza a triagem para avaliar a real necessidade do acompanhamento.

Com o objetivo de fazer uma reflexão crítica da prática profissional do psicólogo que atua no CEPH e conhecer a história criação dessa instituição, foi realizada uma pesquisa com os órgãos municipais. Porém, na prefeitura de Carandaí e no Departamento Municipal de Educação, não constam registros ou documentos com informações sobre a criação oficial do órgão. Devido a isso decidiu-se por entrar em contato com a senhora Leci Conceição do Nascimento, que ocupava o cargo de Secretária de Educação, à época, e foi uma das idealizadoras do projeto, nos anos de 2001 a 2012. Com ela realizada uma entrevista semiestruturada.

A princípio, foi questionado a respeito da existência de algum documento com os registros de criação do CEPH e a entrevistada afirmou que não se recordava de qualquer lei que autorizasse a implantação deste setor. Ela relatou que, por meio de sua experiência prática como Secretária de Educação, percebeu que havia muitos casos de crianças com dificuldades de aprendizagem no Município. Assim, ela e sua equipe começaram a pensar em uma solução que atendesse a essa grande demanda, tendo em vista o propósito de melhorar a qualidade da educação em Carandaí. Começaram, portanto, a buscar alternativas que pudessem amenizar aquela situação.

A idéia inicial foi oferecer um reforço escolar. Esse trabalho era feito na própria escola no contraturno da aula. Seu objetivo era auxiliar individualmente os alunos que não conseguiam os resultados esperados. O foco principal era melhorar o índice de aprovação escolar. Para tanto, foi disponibilizado o atendimento de professores de Português e de Matemática, disciplinas com grande defasagem educacional, para alunos do quinto ano do Ensino Fundamental.

Após algum tempo de reforço escolar, foi observado que os alunos, além das dificuldades no conteúdo ensinado, também apresentavam muita lentidão e disfunções mais sérias que alicerçavam as dificuldades aparentes de leitura, escrita e raciocínio lógico, e conseqüentemente, interferiam no rendimento escolar. Constatou-se que as dificuldades apresentadas pelas crianças ultrapassavam os aspectos cognitivos, por isso, o reforço não foi suficiente para atender a demanda inicial das crianças. Observou-se que muitas apresentavam certas desorganizações estruturais no convívio cotidiano como: falta de recursos para suprir as necessidades básicas de alimentação, moradia e higiene; ausência de conhecimentos básicos de educação, convivência social e valores éticos comprometidos; desorganização do ambiente familiar, ausência de pais, dentre outros. Tais características comprometiam suas condições existenciais, que exigiam a presença de outros profissionais da saúde e educação.

A partir de observações da equipe multidisciplinar do Departamento de Educação da época, decidiu-se criar um Centro de Promoção Humana - CEPH, onde um serviço multiprofissional seria oferecido às crianças, pois, acreditava-se que elas deveriam ser atendidas em sua integralidade, como um ser humano global. Essa percepção prática vai ao encontro da concepção defendida por Ribeiro (1985) que diz, "é através dessa globalidade que os fenômenos podem ser compreendidos, criando ou dando consciência de sua natureza intrínseca" (p. 70). O homem é um ser em ação contínua e ativa, no qual há movimento e mudança, portanto, não pode ser fragmentado para ser compreendido já que tudo nele tem sentido a partir de seu todo.

Ainda na entrevista, a Sra. Leci narrou que o CEPH foi criado com a pretensão de oferecer o atendimento de uma equipe multiprofissional, que contasse com psicopedagogos, assistentes sociais, nutricionistas, psicólogos e fonoaudiólogos, almejando acolhimento e ajuda aos alunos com demandas educacionais, psicológicas e sociais. No entanto houve dificuldade para montar a sua equipe, pois não se conseguiram todos os profissionais aspirados. Dessa forma o setor iniciou-se apenas com psicólogos e fonoaudiólogas.

Além dos atendimentos prestados aos alunos encaminhados pelas escolas e departamentos assistenciais do município, outras atividades se somaram às funções das profissionais do CEPH, como a participação em reuniões nas escolas e oferecimento de orientações aos pais, professores e supervisores.

No decorrer dos atendimentos psicológicos e fonoaudiológicos, percebeu-se que as famílias também apresentavam várias demandas. Dessa forma o projeto foi ampliado com o intuito de atendê-las. As profissionais do CEPH participavam de reuniões realizadas nas comunidades de origem das famílias. Como as condições destas eram bastante precárias, as reuniões tinham um caráter educativo. Eram abordados temas como: higiene pessoal, administração do lar, dicas de alimentação saudável e, para uma boa convivência familiar, palestra sobre valores, cidadania, cuidados básicos bem como a saúde emocional. Sobre aprendizagem, Dusi (2006) afirma que:

“A aprendizagem significativa fecha a gestalt, dá sentido à experiência e organiza harmonicamente o indivíduo em sua totalidade funcional; ela, seja montada por disciplinas escolares ou oriunda da vida cotidiana, promove a *awareness* por meio da integração dos sistemas cognitivo, sensorio e motor, cuja figura objeto de conhecimento passa a fazer parte da totalidade indivíduo, retornando ao fundo e criando condições para novas figuras” (p.153).

Com isso é possível perceber a necessidade de que a aprendizagem seja significativa, pois, quando isso não acontece, o indivíduo pode ser envolvido por preocupações, comportamentos compulsivos e muitas atividades autofrustrantes. A troca de experiências da equipe do CEPH com as famílias nas comunidades permitiu novos aprendizados, novas vivências e novas possibilidades de enfrentamento dos conflitos e dificuldades no que tange à educação e cuidado dos filhos.

A Sra. Leci conta que, com o passar do tempo, os serviços oferecidos pelo CEPH foram alcançando mais visibilidade no município e o número de crianças encaminhadas cresceu em demasia. Com a sobrecarga de atendimentos, foi preciso solicitar ajuda à Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), que disponibilizou uma de suas psicólogas para auxiliar nos atendimentos realizados no CEPH. Naquele momento foi realizado um “mutirão de atendimento” no qual fizeram uma triagem de acordo com o grau de necessidade. Assim, os casos considerados como os mais graves possuíam prioridade para atendimento.

Mesmo com o mutirão de atendimento e a ajuda da psicóloga da APAE, muitas crianças continuavam na fila de espera causando insatisfação em muitos que aguardavam os

atendimentos. Diante disso houve a intervenção do Conselho Tutelar, como o órgão defensor dos direitos da criança e do adolescente. Os conselheiros procuraram a Defensoria Pública para reclamar da falta de atendimento do CEPH às crianças acompanhadas por eles. Como consequência dessa ação, a Secretária de Educação e as profissionais do CEPH foram convocadas a dar explicações sobre o que estava acontecendo. Foram expostas as dificuldades enfrentadas pelo CEPH. Uma delas era que, embora o trabalho realizado tivesse boa aceitação por parte da comunidade, existiam entraves que interferiam na oferta de mais atendimentos, como principalmente a limitação financeira do município. Este não dispunha de recursos para a contratação de mais profissionais para atender a demanda em questão. Portanto, naquele momento não foi possível ampliar o quadro de profissionais e o serviço continuou funcionando da mesma forma.

Com o passar do tempo, o trabalho do CEPH foi se solidificando e sendo reconhecido pelos benefícios prestados à comunidade. Evidenciou-se, assim, a necessidade de novos profissionais. Em 2014, a Prefeitura promoveu um concurso público para suprir a necessidade de profissionais daquele município. Ele ofertava, entre outras vagas, a de psicólogos e fonoaudiólogos, que posteriormente, vieram a fazer parte da equipe de funcionários do CEPH. Foi assim que, por ter sido aprovada nesse concurso como psicóloga clínica, que a autora do presente trabalho foi convocada e direcionada para atuar no CEPH.

Atualmente, o CEPH é um dos maiores dispositivos da Secretaria de Educação no enfrentamento às dificuldades de aprendizagem e ao baixo rendimento escolar no município de Carandaí. Quando chegam novos encaminhamentos, estes são cadastrados e aguardam serem chamados para a triagem. Uma psicóloga realiza uma entrevista com os pais ou responsáveis e outra com a criança. Depois da triagem, conforme a urgência observada pelos dados levantados, os encaminhamentos vão para uma fila de espera para o atendimento psicológico.

No momento atual, há uma grande fila de espera, que gira em torno de 80 crianças aguardando o atendimento psicológico. O CEPH conta, atualmente, com três psicólogas para atender toda a rede municipal de ensino. Visto que o atendimento psicológico normalmente não é rápido e a demanda, muito grande, essa fila de espera cresce a cada dia.

Com base no contexto de atuação profissional da autora deste trabalho, nos atendimentos realizados, percebe-se o quanto a família influencia na problemática apresentada e o quanto ela é importante para o bom êxito do processo de acompanhamento psicológico da criança. Para a psicoterapia ser efetiva, pais e psicólogos precisam construir

um a relação de parceria, pois a família é a principal fonte de estímulos com que a criança tem contato. O ambiente familiar interfere diretamente no comportamento e no desenvolvimento sócio-cognitivo e emocional da criança. Ao considerar isso, a relação terapêutica infantil precisa ir além do atendimento à criança, ou seja, precisa acontecer uma sintonia entre criança, terapeuta e a família. Conforme afirma Motta (1997):

“Os pais são os arquitetos na formação emocional de seus filhos, através da comunicação de afeto, do cuidado amoroso e da expressão do sentimento de segurança e confiança. A família é como um sistema de vínculos afetivos, cuja função básica é a formação da estrutura psíquica dos seres humanos. As primeiras relações de apego da criança com as figuras da mãe, do pai ou substitutos, são responsáveis pela transmissão de padrões de comunicação, de afeto e disciplina. São estas relações que originam a percepção do si própria e do outro, bem como o seu estilo e a sua capacidade de amar e interagir com a vida. O cuidado das necessidades básicas de alimentação, higiene e conforto são outros fatores essenciais para a construção de um corpo biológico e simbólico saudável. A criança necessita de amor, proteção e conforto, ou seja, do cuidado de seus pais para concretizar-se como ser-no-mundo de maneira plena e feliz. O cuidado dos pais é o instrumento básico para que a criança possa galgar todas as etapas de seu crescimento e desenvolvimento e tomar-se um ser equilibrado, confiante e apto para vivenciar as experiências do seu micro e macro universo” (p.51).

Mediante isso é possível perceber a influência da família no papel de cuidados, desde a gestação já que ela produz importantes estímulos de afeto e aprendizagem para a construção de bases sólidas em todas as dimensões do desenvolvimento infantil, com o sociais, físicas, intelectuais, emocionais. Nota-se que o ambiente familiar é fundamental em todos os aspectos da vida infantil. Dessa forma não seria diferente com a relação família/psicólogo. Os pais e/ou responsáveis podem fazer toda a diferença durante o processo terapêutico. Contudo, essa realidade nem sempre acontece no CEPH, uma vez que, com frequência, por negligência dos responsáveis, a criança perde a vaga do atendimento que fora, em muitos casos, aguardada por um longo período de tempo. O não engajamento familiar atinge diretamente a criança, que depende da adesão dos responsáveis para a continuidade e efetividade do trabalho oferecido pelo CEPH.

Também é possível observar o quanto é importante conhecer o contexto familiar no qual a criança está inserida. Muitas vezes o sofrimento ou as dificuldades da criança refletem uma problemática que é dos pais. Em alguns casos de acompanhamento psicológico de crianças com dificuldades de aprendizagem, é possível perceber situações de vulnerabilidade como: violência doméstica, desnutrição, abandono, maus tratos e outros. No CEPH, quando tal situação é constatada, são acionadas as redes de apoio sócio -

assistenciais como: C R E A S, C R A S e Conselho Tutelar, para que, de alguma forma, tudo possa ser resolvido ou amenizado.

Outra prática frequente pelos profissionais do CEPH são as visitas à escola onde a criança estuda para uma melhor compreensão do problema e orientação aos professores, de acordo com a competência de cada profissional, visando a uma melhor compreensão e condução do caso.

Refletindo a partir da entrevista com a Sra. Leci e sobre o contexto atual do CEPH, pode-se perceber que, desde a sua criação, o CEPH passou por uma grande evolução, conseguindo se estabelecer como um dispositivo de enfrentamento aos diversos problemas de aprendizagem e rendimento escolar, com reconhecimento e respeito social.

Recentemente o espaço físico do CEPH passou por algumas melhorias, com aumento de recursos materiais e recursos humanos; foram disponibilizadas mais psicólogas e fonoaudiólogas para compor a equipe. O quadro atual de funcionários conta ainda com uma auxiliar de serviços gerais e uma secretária. A equipe é bastante comprometida com o trabalho e todos se empenham ao máximo para prestar um atendimento de qualidade.

Apesar dos avanços, o anseio por uma equipe multiprofissional que possa atender de forma ampla e integral às crianças que são encaminhadas, ainda não se efetivou. O serviço prestado continua restrito aos profissionais das áreas de psicologia e fonoaudiologia, como no início.

A rotina de funcionamento do CEPH mostra que, com uma demanda tão grande e com quadros tão diversos, se o setor contasse com uma equipe multiprofissional mais ampla e variada poder-se-ia elevar a qualidade da assistência e possibilitar o alcance de melhores resultados nos tratamentos. No entanto, a existência de um quadro composto por profissionais de diversas áreas, que somem conhecimentos, habilidades e competências para afiançar mais qualidade aos serviços prestados e que possam desenvolver várias iniciativas em prol da prevenção e da promoção da saúde continua sendo uma utopia.

A partir das vivências do cotidiano e diante dos desafios que atravessam a prática profissional, acredita-se que um dos maiores e, talvez, o mais importante desafio consista no envolvimento das famílias no tratamento de suas crianças, uma vez que a parceria entre o profissional e o responsável é fundamental para a efetivação e evolução do tratamento. Na prática, observa-se que quanto maior é a participação da família, maiores são as possibilidades de intervenção e resultados bem sucedidos.

3 A CONSTRUÇÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DO SER

3.1 A concepção de homem na Psicologia Fenomenológica-Existencial

A psicologia fenomenológica-existencial originou-se da Filosofia Existencial e busca compreender o existir com base no método fenomenológico, ou seja, pensa o homem a partir da relação que este estabelece com o mundo de forma única e singular, evidenciando o universo de possibilidades no qual o viver humano está inserido. De acordo com Critelli, (1996), “nesta condição ontológica, em que a vida lhes foi dada de modalizar seu ser em infinitas possibilidades, está a diferença ontológica essencial entre os homens e os demais” (p. 47). Dessa forma, entende-se que o homem está fadado a existir.

Para o Existencialismo e a Gestalt-Terapia, Ribeiro (1985) afirma que “o homem é visto como um ser particular, concreto, com vontade e liberdade pessoais, consciente e responsável” (p. 32). Através dos tempos, ele tem procurado uma maneira de compreender o mundo em que vive e, para isso, baseou-se na ciência. Em sua vivência diária, ele encontra uma ligação mais próxima com esse mundo que supera o conhecimento alcançado através da ciência, pois o ser humano é fundamentalmente ser-no-mundo. Essa é a maneira singular do homem existir e se relacionar com o mundo, coisas e pessoas, no tempo e no espaço.

A singularização é um modo específico do ser na relação com o mundo e com os outros. “Embora cada um de nós apresente peculiaridades relacionadas ao próprio modo de existir, também somos seres humanos semelhantes existindo num mesmo mundo; é esta estrutura comum que nos possibilita compreendermos e conhecermos uns aos outros”. (Binswanger *apud* Forguieri, 2004, p. 60). Isso mostra que, o contato com o outro e as relações que estabelecemos permite que as nossas semelhanças aflorem.

Entende-se que o ser se constrói a partir da relação que estabelece consigo mesmo e com os outros no mundo. É a partir dessa rede de interações e das escolhas que se dão ao longo do seu existir que o homem descobre a si mesmo. Sendo assim, cada ser humano é único e destinado a cuidar e responsabilizar-se pelo seu existir.

3.2 A Importância das Relações na Construção do Ser

A capacidade do ser humano de se relacionar com seus pares começa no ventre da mãe e tem continuidade no ambiente familiar. Essas relações desenvolvem as primeiras interações com o ambiente. A partir desse convívio familiar a criança forma hábitos que interferem na sua maneira de ser e de estar no mundo e formam sua personalidade e identidade. Para Heidegger (2012) “O mundo é sempre o mundo compartilhado com os outros. O ser-em, é-ser-com-os-outros” (p. 175).

Durante a infância são construídos vínculos iniciais que amadurecem após a concepção e se desenvolvem ao longo da vida do indivíduo. Os primeiros aprendizados da criança se dão no leito familiar, conforme explica Aguiar (2005),

“Ao falarmos de um ser humano auto-regulado, relacional e contextual, destacamos o contexto familiar como um dos particularmente significativos para o desenvolvimento e funcionamento saudável da criança, uma vez que não só é o primeiro do qual faz parte como aquele que parece ser o mais relevante em seus primeiros anos pelo forte vínculo de dependência existente entre ela e a família e pela presença significativa intensa do processo de introjeção no início da vida, que é parte integrante da construção do self da criança pequena” (p. 90).

A família tem um papel fundamental na edificação da identidade da criança. Contudo ela também é afetada pela chegada de um novo membro. Sendo assim, o ser é capaz de influenciar os outros e também recebe influência constantemente. Para Forghieri (2004), “O mundo recebe o seu sentido, não apenas a partir das constituições dos vários sujeitos existentes no mundo, realizado através do encontro que se estabelece entre eles” (p. 19). Percebe-se então, que a família atua na formação de seus membros.

Toda a organização familiar é modificada pela chegada de uma criança, desde a espera pelo nascimento, os primeiros anos de vida e, ao longo de seu crescimento, muitas questões giram em torno do filho. Trata-se da primeira sociedade de convívio, com experiências carregadas pela vida toda. Portanto, a base de sustentação, inerente à formação de todo indivíduo, ocorre por meio desta convivência. Nela se aplicam valores como o respeito, a partilha e o compromisso, desenvolvem-se habilidades para gerir conflitos, além de ser um meio fecundo para a aquisição de aprendizagens. Conforme afirma Forghieri (2004),

“O “mundo” humano é aquele que diz respeito ao encontro e convivência da pessoa com os seus semelhantes. A relação do homem com outros seres humanos é fundamental em sua existência; desde o nascimento ele encontra-se em situações que incluem a presença de alguém. O existir é originariamente ser-com o outro”(p.31).

A instituição familiar é de suma importância na sustentação das relações de convivência e interação com o mundo. Uma família cercada de afetividade é capaz de formar indivíduos seguros e aptos para o convívio social. Todo ser humano necessita de um ambiente familiar capaz de proporcionar os direitos inerentes à vida, educação, alimentação, saúde e segurança. Segundo Forghieri (2004):

“Os seres humanos possuem potencialidades que lhe são próprias e os distinguem das coisas e dos animais, em virtude de compreenderem as situações que vivenciam, tendo consciência de si e do mundo. E como nossa existência consiste em ser-no-mundo, só atualizamos tais potencialidades, peculiarmente humanas – como o amor, a liberdade e a responsabilidade - quando nos encontramos e entramos em relação com outras pessoas. É assim que atualizamos e, a partir daí, compreendemos e desenvolvemos tais potencialidades. Só posso saber quem sou como ser humano, convivendo com meus semelhantes” (p.31).

O ser humano nasce e desenvolve-se ao longo do seu crescimento a partir das relações. Essa relação possibilita à criança obter uma visão de si e do mundo exterior. Conforme apontado por Cytrynowicz (2018), “a participação dos responsáveis próximos ao mundo dela é necessária para decidir o modo de vida das crianças, isto é, rotina, os relacionamentos, a escola e atividades gerais” (p. 127). A presença de adultos confiáveis possibilita que a criança se sinta mais segura e encorajada para vivenciar as experiências de seu mundo. Dessa forma, ela descobre seus próprios interesses, gostos, opiniões e novas possibilidades.

A criança, à medida que cresce, amplia seu mundo e a si mesma no convívio com os outros. Ao ingressar na escola, outros horizontes são abrangidos, porque surgem outras formas de relações estabelecidas entre ela, seus colegas e seus educadores. Além disso, ocorre a expansão de conhecimentos, descoberta de novas aptidões e vivências de cunho lúdico e imaginativo. Vale ressaltar que não existe uma forma correta ou única de lidar com as necessidades da criança, pois não é possível prever os resultados. Contudo algumas relações podem ser adoeedoras, tanto através da superproteção, quanto da indiferença e excesso de autoritarismo. Sobre isso, Cytrynowicz (2018) afirma:

“Quando o adulto não considera as condições próprias ou as necessidades da criança, negando suas possibilidades mais próprias, o cuidado pode ser: - Mais

autoritário e extremamente exigente, impondo regras que devem ser rigorosamente seguidas; - Indiferente, omitindo posições e desconsiderando necessidades pessoais, na espera pelo curso natural do desenvolvimento; - Pouco seguro, encontrando na criança a oportunidade para aproximar o reconhecimento ou a aprovação geral dos próprios esforços; - Fragilizado, quando mimá e procura poupar dificuldades e sofrimentos, atrofiando possibilidades próprias e o fortalecimento da criança” (p.132).

Diante disso, é possível perceber que algumas maneiras no cuidado podem formar indivíduos teimosos, temerosos, rebeldes ou indiferentes. Entende-se que, apesar de não existirem métodos corretos de se lidar com as necessidades das crianças, existem alguns que podem ser evitados.

O cuidado mais promissor é aquele que ajuda a criança a entender o que ela sente e a lidar com suas frustrações, medos e limitações como condições próprias do existir. Pode-se dizer que a construção do próprio caminho não é algo cômodo; às vezes, chega a ser doloroso. Apesar de a criança perceber suas limitações e poder sentir-se ameaçada, seja por riscos ou por medo, é o cuidado que proporciona alegria e celebração do seu crescer. Portanto é importante considerar e acolher a criança de cada um e a singularidade de cada ser, que é construído nas relações. Forghieri (2004) afirma que:

“O homem é um ser- no- mundo, ou seja, sempre é uma pessoa com características próprias, em relação a algo ou a alguém. São as situações que a pessoa vai vivendo, relacionando-se com o mundo circundante e com as pessoas, que lhe vão possibilitando atualizar as suas potencialidades, oferecendo-lhe as condições necessárias para ir descobrindo e reconhecendo quem é” (p.32).

Nas experiências vivenciadas, é possível perceber o quanto se está implicado no mundo; pode-se dizer, por exemplo, que se sabe quem se é a partir do amor que se sente por uma pessoa, ou a partir do lugar que se nasce e se cresce. A cultura, o afeto, a perda, a falta e as crenças são fatores básicos para se construir quem se é. Conforme diz Forghieri (2004) “para saber os quem somos precisamos, de certo modo, saber onde estamos, pois, a identidade de cada um de nós está implicada nos acontecimentos que vivenciamos no mundo” (p. 27). Logo o indivíduo será afetado e transformado durante toda a vida por essas vivências e, na sua infância, essa formação normalmente se apresenta com mais força.

Diante do exposto, é possível entender que todas as relações e vivências interferem na forma de ser de cada um no mundo; por isso algumas pessoas são mais calmas, outras mostram tendências imorais, outras podem ser agressivas, enquanto alguns são pacíficos e corretos. Isso demonstra as várias formas do homem existir do mundo. Outro fato importante é que cada pessoa terá uma visão diferente para as coisas, objetos e

acontecimentos, devido a sua construção de ser singular. Uma pessoa pode ver o mar e não se impressionar, não sentir nada relevante com aquela paisagem, enquanto outra pode olhar o mesmo mar e se emocionar com a paisagem, porque sempre sonhou em conhecer, ou passou por acontecimentos marcantes naquele lugar. Para Forghieri (2004),

“A realidade para o ser humano está originalmente fundamentada na compreensão que ele tem das situações que vivencia, nela estando implícitas as três dimensões temporais de seu existir: como ele tem sido (passado), como está sendo (presente) e como poderá vir a ser (futuro). A realidade é compreendida numa perspectiva “historial” (p.48).

Salienta-se a importância da presença da família no processo de atendimento da criança, uma vez que ela está em franco crescimento e sendo nova num mundo que já existia antes dela. Ela precisa do acompanhamento do adulto para perceber, conhecer e reconhecer as peculiaridades do mundo, da convivência, da existência porque ela está em pleno desenvolvimento das suas potencialidades. Ela precisa ser acompanhada pela família, pois esta é o esteio da sua formação. Daí a necessidade de um processo terapêutico infantil ser um trabalho para além da criança. Os familiares devem e precisam ser incluídos para que haja êxito na proposta de trabalho.

O ser humano cresce e se desenvolve durante toda vida, na relação e a partir dela: não há outra maneira de se tornar um indivíduo com suas próprias características. Pode-se concluir que, a partir das primeiras relações com o outro, começa-se a capacitação para as próximas relações que surgirão ao longo da vida. Husserl apud Freitas (2015) corrobora isso quando “vincula o nascimento da consciência de si com o nascimento da consciência de outrem e do mundo, tendo a relação da mãe com o bebê como paradigma do despertar humano e de outras relações posteriores” (p.43). Assim assegura-se o valor das vivências familiares na formação da subjetividade do ser.

Portanto é fundamental para o atendimento psicoterápico infantil compreender com que família se está lidando já que ela se mostra como o principal campo em que a criança se insere. Abranger seu funcionamento auxilia na compreensão das experiências da criança e estabelecimento de possíveis intervenções com os responsáveis ao longo do processo terapêutico.

4 A CRIANÇA E A FAMÍLIA SOB A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA - EXISTENCIAL

O trabalho psicoterapêutico com a criança é desafiador por haver a necessidade de mobilizar o terapeuta, a criança e a família. Faz-se mister uma compreensão sobre qual o papel e responsabilidade da família e, principalmente, quando esse trabalho é realizado numa instituição, deve-se aliá-lo ao contexto institucional.

No decorrer da história, a concepção sobre a criança e a infância foi tratada de diferentes maneiras. Segundo Barbosa & Magalhães (2013),

“Os sinais de desenvolvimento de sentimento para com a infância tornaram-se mais numerosos e mais significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII, pois os costumes começaram a mudar, tais como os modos de se vestir, a preocupação com a educação, bem como separação das crianças de classes sociais diferentes” (p.3).

Observam-se grandes e profundas modificações de valores e de comportamentos ao longo do tempo. Não obstante a todos os avanços científicos e tecnológicos que provocaram mudanças radicais na sociedade e na forma de estar no mundo, a infância ainda está atrelada à imagem de dependência, de precariedade, de alguém que ainda não é, mas com a perspectiva de vir a ser. As crianças são, muitas vezes, desrespeitadas e incompreendidas nas suas vivências e singularidade. Sobre isso, Melo (2015) afirma que,

“As crianças no mundo contemporâneo ainda são compreendidas como frágeis e incompletas, precisando esperar o futuro para entrar em ação, “ser gente” e crescer para serem respeitadas como pessoas. Os pais, as escolas e a sociedade estão sempre cuidando delas com um olhar de incapacidade, de impotência, e de inocência. Educam as crianças para o futuro, pois acreditam que sua eficiência como humano só se fará presente na vida adulta após serem educadas. Fica quase sempre implícita, no olhar do adulto, uma descrença na sua capacidade de suportar a vida. É como se elas precisassem virar adultos, para começarem a se responsabilizar pela sua existência” (p.58).

Tendo como alicerce uma Psicologia focada nos aspectos do existir humano, com base numa Filosofia centrada no ser, o terapeuta deverá empenhar-se em resgatar o sentido do existir da criança, que se perdeu nos critérios da modernidade. Segundo Andrade (2013), ela tem sua maneira muito própria de pensar, de se expressar, de interagir com o mundo e de expressar seus sentimentos. Cabe ao psicólogo que irá assisti-la buscar aproximação com o mundo próprio dela, compreendendo sua linguagem e facilitando a expressão de suas experiências.

Depreende-se, assim, que, a partir de suas experiências, a criança pode sofrer conflitos, medos, sentimentos negativos, insegurança e não encontrar uma forma adequada de se expressar. Tal situação pode suscitar adoecimento de ordem psicológica, dificultando seu desenvolvimento emocional saudável.

Na busca da compreensão do modo peculiar da criança se expressar e interagir com o mundo, a Psicologia Fenomenológica Existencial propõe considerá-la como ser humano particular, revelando a sua condição de ser-no-mundo sempre compartilhado com outro e objetivando conhecer a criança a partir dela mesma e da experiência do acontecer. Tal medida exige uma mudança de perspectiva e de postura do terapeuta, o qual deve colocar em suspenso os *a priori* teóricos e técnicos para que o encontro com a essência da criança que está à sua frente possa surgir.

Essa forma de olhar a criança é o que se almeja no atendimento no CEPH. No entanto, encontram-se várias situações em que profissionais e crianças deparam-se com barreiras muito difíceis de serem transpostas, tais como: conflitos familiares, dificuldade de entendimento dos responsáveis pela criança, pais que não se comprometem com a intervenção a ser feita – uma vez que esta pode implicar mudanças na dinâmica familiar – dificuldades de aprendizagem que levam à reprovação escolar ou à estigmatização da criança, tendência a sua padronização no âmbito do desenvolvimento e da própria aprendizagem, rotulação e busca por diagnósticos fechados.

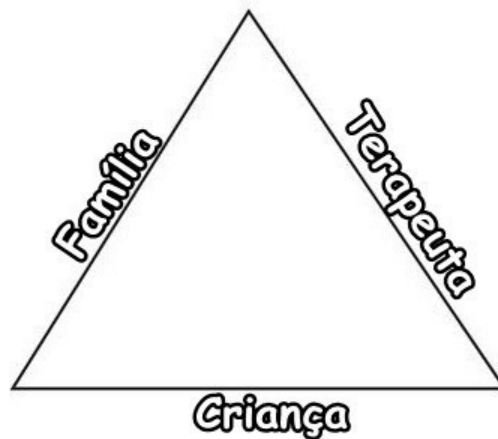
Frente a tais dificuldades, salienta-se a criação de novos caminhos e maneiras de compreensão das crianças nesses diferentes contextos. Neste sentido, a inclusão do mundo compartilhado das crianças com seus familiares é basilar para melhor compreendê-las.

A família é o primeiro contexto do qual a criança faz parte, cuja composição é de diferentes elementos que estão em permanente interação e se afetam e são afetados mutuamente. Por ela constantemente lidar com o impacto de várias mudanças estruturais, sociais e culturais ultimamente, conceituá-la tornou-se uma empreitada difícil. Todavia, é impossível negar a sua influência na vida dos seres humanos, mesmo atualmente estando “um pouco mais complexa e flexível do que as imagens do passado nos levariam a pensar” (Stratton *apud* Dessen, 2010, p. 337).

A instituição familiar é uma elaboração frágil que acompanha o processo de adaptação e readaptação constante dos indivíduos e dos grupos em seu turno e, na sua

estrutura, todos os indivíduos exercem e recebem influências mutuamente (Kreppner apud Dessen, 2000). Para o atendimento psicoterapêutico à criança, por conseguinte, é necessário estudar os processos, interações e relações nela existentes considerando todas ou o máximo de informações do grupo familiar.

Dentro da perspectiva psicológica e prática do CEPH, percebe-se maior sucesso na proposta de atendimento quando as famílias são envolvidas e ativas na relação com o terapeuta e com a criança, formando uma estrutura triangular, conforme ilustrado abaixo, na qual as interações são multidirecionais cabendo à família continuar o processo dentro da sua estrutura, conforme orientado pelo psicólogo.



Em uma relação triangular, a criança traz sintomas e comportamentos que são percebidos pelo terapeuta e acolhidos em seu ambiente de trabalho, que denunciam seu sistema familiar. O psicoterapeuta precisa compreender que o indivíduo que chega como paciente é o delator da desorganização contextual em que vive, necessitando dirigir o olhar não apenas ao paciente, mas ao sistema familiar (Melo, 2015).

A família contribui na pontualidade e na presença ao CEPH, quando leva a criança com o compromisso de se fazer um trabalho, o que, infelizmente, não ocorre sempre. Muitas famílias abandonam o atendimento sem quaisquer razões apresentadas ao terapeuta. Há também famílias que deixam seus filhos com o CEPH ou o atendimento psicológico fossem reformatórios nos quais se entregam os filhos esperando que saiam seres transformados em um passe de mágica, como se apenas um atendimento psicológico realizasse o que não se construiu em anos de existência.

De modo semelhante, quando um terapeuta percebe estruturas danosas à formação da criança e as repassa aos responsáveis, algumas famílias não veem a necessidade de

acolher as orientações do terapeuta, desfazendo no ambiente familiar, o trabalho que se realiza no *setting* terapêutico.

Assim, quando a família se faz presente, com compromisso e participação na proposta de atendimento à criança, contribuindo com o papel que lhe cabe e disposta a questionar suas estruturas, percebe-se um desenvolvimento natural e bem sucedido no acompanhamento psicológico.

Cientes dos danos e dos benefícios que as relações familiares podem ocasionar na saúde psíquica das crianças, faz-se necessário priorizar a participação daquelas no atendimento infantil. Esse é o desafio que o CEPH tem diante de si, pois é importante que a família tenha a oportunidade de ser ouvida, orientada, esclarecida em suas dúvidas e dificuldades. A partir disso ela poderá ressignificar alguns comportamentos e conceitos que se cristalizaram em seu âmbito. Sendo assim, faz-se necessário uma proposta de atendimento multiprofissional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Centro Educacional de Promoção Humana (CEPH), sediado na cidade de Carandaí/MG proporciona atendimento às crianças que são encaminhadas pelas escolas da cidade e atendidas por uma equipe composta de Psicólogas e Fonoaudiólogas.

Nesta instituição, percebe-se a dificuldade de adesão das famílias no tratamento das crianças e a angústia dos professores e responsáveis por estas, muitas vezes por desejarem um diagnóstico rápido que as enquadre em algum transtorno ou adoecimento psicológico, razão que levou à reflexão sobre o olhar dirigido à criança, à estrutura escolar e à família, com o fito de evitar a categorização e culpabilização de crianças e pais pelas dificuldades de aprendizado.

Assim, buscou-se um questionamento sobre a construção do ser desde o ventre materno e a relação da criança com a família, como um ser social e de relações, profundamente influenciado pelo contexto em que vive, ao mesmo tempo em que também o influencia.

Na perspectiva Fenomenológica, a criança está no mundo e partilha a mesma condição do mundo que os adultos; ela não é uma preparação ou anúncio para o mundo adulto, nem possui uma natureza diferenciada da vida. Portanto, ela e sua infância devem ser olhadas de forma particular e compreendida como um ser de abertura para o mundo, com suas escolhas, emoções, possibilidades e processos genuínos.

A instituição familiar é de suma importância na sustentação das relações de convivência e interação com o mundo na qual está inserida a criança, preparando-a em suas práticas e vivências próprias. Uma família cercada de afetividade é capaz de formar indivíduos seguros e aptos para o convívio social. Todo ser humano necessita de um ambiente familiar formado por um lar capaz de proporcionar-lhe os direitos inerentes à vida, educação, alimentação, saúde e segurança.

A harmonia entre família e psicólogos tende a beneficiar significativamente o processo terapêutico infantil e ser um elemento facilitador. Para auxiliar o trabalho psicológico, a família pode agir de forma proativa, mostrando interesse pelo trabalho feito, comparando o máximo possível nas consultas, seguindo as orientações feitas pelo profissional, relatando com veracidade as informações pedidas na anamnese e seguindo, sempre que possível, os encaminhamentos necessários.

Por outro lado, as famílias que não se comprometem com o programa desenvolvido pelo CEPH, sejam faltando às sessões ou recusando as orientações dos profissionais da

instituição, não obtêm resultados significativos com seus filhos e abandonam o trabalho terapêutico com os mesmos problemas e questões iniciais.

Entende-se que uma proposta de atendimento multiprofissional composta por Pedagogos, Nutricionistas, Assistentes Sociais, Terapeutas Ocupacionais, Dentistas e outros profissionais da Saúde colaboraria com os casos em andamento, porquanto atenderia às demandas familiares identificadas nas sessões de trabalho com as crianças, além dos casos que aguardam na fila de espera por meio de um levantamento e conhecimento prévio das famílias cujas crianças estão por iniciar a psicoterapia.

Muitas questões de higiene, alimentação, educação, informações básicas, habilidades sociais e intelectuais identificadas nas sessões do CEPH poderiam ser minimizadas ou sanadas sem intervenção psicológica; bastaria, para isso, algumas visitas pela equipe multidisciplinar.

Semelhantemente, a Equipe também colaboraria com os casos em andamento mediante a interação com o núcleo escolar ou familiar, o que contribuiria com o processo de crescimento e desenvolvimento das crianças e suas famílias.

A ideia dessa Equipe multidisciplinar foi proposta na formação do CEPH, conforme se vê no Capítulo 1; entretanto não foi concretizada até os dias atuais; um serviço multiprofissional vai ao encontro da abordagem Fenomenológica-Existencial, pois busca tratar o ser na sua integralidade, isto é, como um ser humano global em toda a sua complexidade.

Ao considerar as observações supracitadas, infere-se que, na clínica infantil, é de suma importância pais ou responsáveis serem convidados a participar do processo terapêutico, formado pela relação triangular entre psicoterapeuta, família e criança. O propósito deste trabalho é ampliar a compreensão sobre as dinâmicas interacionais que se dão no âmbito familiar, sem vitimizar ou desqualificar qualquer parte, sempre em prol do desenvolvimento integral da criança. No que tange ao terapeuta, este deve ser o facilitador para a criança expressar sua percepção, sua forma de agir e explorar o mundo, bem como elaborar suas experiências na busca dos sentidos para o seu ser-no-mundo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Luciana. **Gestalt-terapia com crianças: Teoria e Prática.**: Editora Livro Pleno, 2005.

ANDRADE, Maria Luiza Rocha de. Ludoterapia Centrada na Criança: facilitação do resgate da autonomia no processo de vir-a-ser. In: GIOVANETTI, José Paulo (Org.), **I Congresso Internacional de Psicologia Existencial** – Belo Horizonte: FEAD, 2013. p.(58-71)

BARBOSA, Analedy Amorim, MAGALHÃES, Maria das Graças S. Dias. A concepção de infância na visão Philippe Ariès e sua relação com as políticas públicas para a infância. **EXAMÁPAKU**, v. 1, n. 1, p.(1-8), 2013. Disponível em: <<https://revista.ufr.br/examapaku/article/view/1456>>. Acesso em: 05/09/2020.

CRITELLI, Dulce Mára. **Analítica do sentido: Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica.** São Paulo: EDUC, 1996.

CYTRYNOWICZ, Maria Beatriz. **Criança e Infância: Fundamentos Existenciais.** São Paulo: CHIADO, 2018.

DESSEN, Maria Auxiliadora. **Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos.** *Psicol. cienc. prof.* [online]. Brasília, dezembro, 2010, vol.30, n.spe, pp.202-219. ISSN 1414-9893. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932010000500010&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 05/09/2020

DUSI, Miriam Lúcia Herrera Masotti; NEVES, Marisa Maria Brito da Justa; ANTONY, Sheila. **Abordagem Gestáltica e Psicopedagogia: um olhar compreensivo para a totalidade criança-escola.** Ribeirão Preto: Paidéia, v. 16, n. 34, p. 149-159, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-863X2006000200003>>. Acesso em 24/05/2020.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

FREITAS, J. L. A criança sob o olhar fenomenológico: O despertar do mundo-da-criança. In: FEIJOO, A. M. L.C. de; FEIJOO, E. L. (Orgs). **Ser Criança.** Rio de Janeiro: IFEN, 2015. P.35-52.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo.** 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MELO, T. F. C. C. Um olhar fenomenológico sobre o processo psicoterapêutico da criança. In: GIOVANETTI, José Paulo (Org.), **Fenomenologia e Psicoterapia.** Belo Horizonte: FEAD, 2015.

MOTTA, Maria da Graça Corso da. **O ser doente no tríplice mundo da criança, família e hospital: Uma descrição fenomenológica das mudanças existenciais.** 1997. 207f. 1997. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Filosofia de Enfermagem)-Curso de Pós Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997. Disponível em: <

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/111956/107907.pdf?sequence=1>.>

Acesso em 14/04/2020.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antonio dos. **Família e adolescência: A influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros.** *Psicologia em estudo*, 2007, 12.2: 247-256.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-Terapia: Refazendo um caminho**, São Paulo: Summus, 1985. (Novas buscas em psicoterapia; v. 24).